



# Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Kelly Cristina Campones  
(Organizadora)

**Kelly Cristina Campones**  
(Organizadora)

# **Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |  |
|---|--|
| E59   | Ensino e aprendizagem como unidade dialética [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética; v. 1)<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-481-8<br>DOI 10.22533/at.ed.818191507<br><br>1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina.<br><br>CDD 371.102 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |  |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietaos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 42 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| “HANSEI”: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA JAPONESA E SUAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS                    |           |
| <i>Ana Luísa da Costa</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915071</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>8</b>  |
| A BUSCA POR RECONHECIMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO                                      |           |
| <i>Mauro Sérgio da Silva</i>   |           |
| <i>Flávia Dias Coelho da Silva</i>   |           |
| <i>Izabella Gonçalves Bocayuva</i>   |           |
| <i>Lucas Evangelista Rangel</i>  |           |
| <i>Lucas Miranda</i>   |           |
| <i>Marcelo Visintini</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915072</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>20</b> |
| A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO NEOLIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DE PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA |           |
| <i>Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915073</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>32</b> |
| A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO A PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS NO IF SERTÃO-PE <i>CAMPUS</i> SALGUEIRO   |           |
| <i>Gercivania Gomes da Silva</i>   |           |
| <i>Carlos Wendel Gomes da Silva</i>  |           |
| <i>Sandra Regina da Silva Galvão</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915074</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>38</b> |
| A FORMAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS                              |           |
| <i>Katia Fraitag</i>   |           |
| <i>Miguel Julio Zadoreski Junior</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915075</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>43</b> |
| A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NO MÉTODO DO IAB NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR               |           |
| <i>Kátia Maria Abreu da Silva</i>  |           |
| <i>Janaene Leandro de Sousa</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915076</b>   |           |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>50</b>  |
| A FORMULAÇÃO DE TAREFAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA                                 |            |
| <i>Cristina Meyer</i>   |            |
| <i>Mariana Maria Rodrigues Aiub</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915077</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>61</b>  |
| A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES   |            |
| <i>Francisca de Lourdes dos Santos Leal</i>   |            |
| <i>Vilmar Aires dos Santos</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915078</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>73</b>  |
| REFLEXOS DA REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS 1990 NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTADO DO ACRE   |            |
| <i>Hildo Cezar Freire Montysuma</i>   |            |
| <i>Rosalu Ribeiro Barra Feital Nogueira</i>   |            |
| <i>Emilly Ganum Areal</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.8181915079</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>107</b> |
| ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA E A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA DA BAHIA (1940-1960) |            |
| <i>Januária Araújo Bertani</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150710</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>118</b> |
| APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DE MONITORIA DA DISCIPLINA DE QUÍMICA GERAL PARA ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS                           |            |
| <i>Luciana Silva Rocha Contim</i>   |            |
| <i>Luis Antônio Serrão Contim</i>   |            |
| <i>João Pedro Carmo Filgueiras</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150711</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>123</b> |
| APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR  |            |
| <i>Laís Corrêa Lima</i>   |            |
| <i>Agatha Santos de Jesus</i>   |            |
| <i>Angélica Ferreira Carreiro</i>   |            |
| <i>Ingrid da Silva Rola</i>   |            |
| <i>Karolainy Teixeira da Conceição</i>  |            |
| <i>Maik da Silva de Souza</i>   |            |
| <i>Rafaela Nunes Santos</i>   |            |
| <i>Yasmim de Oliveira Paula</i>   |            |
| <i>Yhasmim Hellen Viana Scandian</i>  |            |
| <i>Marina Sousa Manoel Damasceno</i>  |            |
| <i>Karina Mancini</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150712</b>   |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>135</b> |
| AS DCN E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPI   |            |
| <i>Mirtes Gonçalves Honório</i><br><i>Teresa Christina Torres Silva Honório</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150713</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....  | <b>146</b> |
| AS IMPLICAÇÕES DAS DCN NA ESTRUTURAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UFPI  |            |
| <i>Josania Lima Portela Carvalhêdo</i><br><i>Maria do Socorro Leal Lopes</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150714</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....  | <b>158</b> |
| CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA  |            |
| <i>Fabíola de Fátima Igreja</i><br><i>Gilma Gimarães Lisboa</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150715</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....  | <b>171</b> |
| EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS  |            |
| <i>Rodrigo Leite da Silva</i><br><i>Fabiana Meireles de Oliveira</i><br><i>João Paulo Buranelli Mantoan</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150716</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....  | <b>180</b> |
| EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES DO CSHNB/UFPI?   |            |
| <i>Luciana Silva Dias</i><br><i>José Leonardo Rolim de Lima Severo</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150717</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....  | <b>186</b> |
| ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA FAVORÁVEL À FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO  |            |
| <i>Emmanuel Paiva de Andrade</i><br><i>Jasmin Lemke</i><br><i>Neide Lucia de Oliveira Almeida</i><br><i>Maria Augusta de Castro Seixas</i><br><i>Elisabeth Flavia Roberta Oliveira da Motta</i> |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150718</b>   |            |



|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....   | <b>198</b> |
| FILOSOFIA UBUNTU COMO PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA E CONSCIÊNCIA AFRO-DIASPÓRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL |            |
| <i>Isis Natureza Oliveira da Silva</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150719</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....   | <b>203</b> |
| FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO   |            |
| <i>José Álbio Moreira de Sales</i>   |            |
| <i>Tânia Maria de Sousa França</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150720</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 21</b> .....   | <b>215</b> |
| FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS   |            |
| <i>Elda Silva do Nascimento Melo</i>   |            |
| <i>Antonia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira</i>   |            |
| <i>Camila Rodrigues dos Santos</i>   |            |
| <i>Erivania Melo de Moraes</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150721</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 22</b> .....   | <b>234</b> |
| FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES  |            |
| <i>Cíntia Fogliatto Kronbauer</i>  |            |
| <i>Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150722</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 23</b> .....   | <b>245</b> |
| MERLÍ E OS SABERES DA DOCÊNCIA   |            |
| <i>Vera Maria Luz Spínola</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150723</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 24</b> .....   | <b>256</b> |
| MOTIVAÇÃO DE ESCOLARES PORTUGUESES DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA                                     |            |
| <i>Fábio Brum</i>  |            |
| <i>Ellen Aniszewski</i>  |            |
| <i>José Henrique dos Santos</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150724</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 25</b> .....   | <b>267</b> |
| NÚCLEOS DE PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES*                              |            |
| <i>Jaqueline Ritter</i>  |            |
| <i>Andreia Rosa de Avila de Vasconcelos</i>  |            |
| <i>Andréa Borges Umpierre</i>  |            |
| <i>Francieli Chibiaque</i>   |            |
| <i>Otávio Aloisio Maldaner</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150725</b>  |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 26</b> .....  | <b>285</b> |
| O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA: TRAVESSIAS POR VIR   |            |
| <i>Gilcilene Dias da Costa</i>  |            |
| <i>Jessé Pinto Campos</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150726</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 27</b> .....  | <b>297</b> |
| O ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO A PARTIR DOS ANAIS DO ENPEC               |            |
| <i>Jéssica Cremonini Caprini</i>  |            |
| <i>Mariana Donateli Gatti</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150727</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 28</b> .....  | <b>302</b> |
| O INÍCIO DA DIDÁTICA NO CURSO DE MATEMÁTICA NA BAHIA (1940-1960)  |            |
| <i>Januária Araújo Bertani</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150728</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 29</b> .....  | <b>313</b> |
| O SABER DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA                                       |            |
| <i>Lílian Pereira Guedes</i>  |            |
| <i>Jorge Costa do Nascimento</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150729</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 30</b> .....  | <b>321</b> |
| OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: O CONHECIMENTO TEÓRICO/PRÁTICO DESENVOLVIDO NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR |            |
| <i>Lui Nörnberg</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150730</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 31</b> .....  | <b>332</b> |
| OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES                  |            |
| <i>Joelson de Sousa Moraes</i>  |            |
| <i>Franç-Lane Sousa Carvalho do Nascimento</i>  |            |
| <i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150731</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 32</b> .....  | <b>344</b> |
| OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE   |            |
| <i>Lourdes Cavalcante Couto de Melo</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150732</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 33</b> .....  | <b>350</b> |
| PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL ÀS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS                       |            |
| <i>Claudia Martins de Souza</i>   |            |
| <i>Rosângela Gasparim</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150733</b>   |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 34</b> .....  | <b>356</b> |
| PLANEJAMENTO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA  |            |
| <i>Tânia Maria de Sousa França</i>  |            |
| <i>Nancy Mireya Sierra Ramirez</i>  |            |
| <i>Joilson Silva de Sousa</i>   |            |
| <i>Ana Cristina de Souza Lima</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150734</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 35</b> .....  | <b>367</b> |
| POLÍTICAS, ENSINO DAS CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: CONTEXTOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES |            |
| <i>Simone Souza Silva</i>   |            |
| <i>Arminda Rachel Botelho Mourão</i>  |            |
| <i>Francisca Keila de Freitas Amoedo</i>  |            |
| <i>Mateus de Souza Coelho Filho</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150735</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 36</b> .....  | <b>369</b> |
| PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DA COLÔMBIA –CO                                 |            |
| <i>Rosenilda Rocha Bueno</i>  |            |
| <i>Adelmo Carvalho da Silva</i>   |            |
| <i>Oscar Orlando Hoyos Gaviria</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150736</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 37</b> .....  | <b>380</b> |
| PRÁTICA PEDAGÓGICA: EDUCANDO DE FORMA LUDICA POR MEIO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA                               |            |
| <i>Cristiano de Assis Silva</i>   |            |
| <i>Carlos Luis Pereira</i>  |            |
| <i>Ângela Maria dos Santos Florentino</i>   |            |
| <i>Cristiane de Assis Ribeiro da Silva</i>  |            |
| <i>Kristielly Pereira de Assis Ribeiro da Silva</i>   |            |
| <i>Dirlan de Oliveira Machado Bravo</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150737</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 38</b> .....  | <b>389</b> |
| PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS NO ENSINO MÉDIO  |            |
| <i>Silvana Soares de Araujo Mesquita</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150738</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 39</b> .....  | <b>399</b> |
| PROFESSORES DE DIDÁTICA E SEUS ESTUDANTES: OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO   |            |
| <i>Maria Janine Dalpiaz Reschke</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150739</b>   |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 40</b> .....  | <b>410</b> |
| QUANDO A PRÁTICA SE TORNA COMPONENTE CURRICULAR DOS PPPS DE LETRAS                                    |            |
| <i>Núbio Delanne Ferraz Mafra</i>   |            |
| <i>Vladimir Moreira</i>   |            |
| <i>Marcelo Cristiano Acri</i>   |            |
| <i>Beatriz do Prado Ferreira</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150740</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 41</b> .....  | <b>417</b> |
| SABERES EM INTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A UNIVERSIDADE EM CONEXÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO |            |
| <i>Rosilda Arruda Ferreira</i>  |            |
| <i>Luiza Olívia Lacerda Ramos</i>   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150741</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 42</b> .....  | <b>427</b> |
| TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILINGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS            |            |
| <i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.81819150742</b>   |            |
| <b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....   | <b>436</b> |

## TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS

**Eliana da Silva Neiva Brito**  
UNEB/TIPEMSE/SSEETU  
Salvador-Bahia

**RESUMO:** A educação para a diversidade é marcada por avanços e desafios e exige estudos e pesquisas frequentes para conhecer e compreender como ocorre a comunicação nos contextos de diversidade para a pessoa com surdez. Durante muito tempo a surdez era vista apenas pelo ângulo médico-terapêutico. Em direção oposta, novos pressupostos vêm sendo concebidos para entender a surdez como uma diferença cultural e não como uma patologia clínica. Atualmente devemos pensar a surdez com prerrogativas sócio antropológica, e visão interdisciplinar e transversal. Por isso, há de se considerar o cenário psicossocial e cultural onde os surdos se desenvolvem, pois eles formam um grupo distinto de pessoas, são um povo sócio-cultural-linguístico. Objetivamos, portanto, através deste estudo, demonstrar de que maneira as dimensões sociais culturais que envolvem o uso de Tecnologias Assistivas para a difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS contribuem para a acessibilidade do surdo no ambiente educacional, familiar e social. Ações estas delineadas pelos aspectos do planejamento do ensino, no que tange a Didática. Os aportes teóricos foram: Libâneo,

Mazzota (2011), Sá e Ranauro (1999), Skliar (1998). Usamos como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa participante. Sendo assim, apoiamos os princípios da Educação Bilíngue na realização de atividades práticas para envolver os participantes da comunidade e do contexto acadêmico. Os principais resultados recorrem a práticas socioeducativas para a acessibilidade da pessoa surda, na perspectiva de promover um elo de articulação de novos conhecimentos com vistas à disseminação do conhecimento da cultura surda e da LIBRAS em diferentes contextos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Bilíngue, LIBRAS, Tecnologia Assistiva.

**ABSTRACT:** Diversity education is marked by advances and challenges and requires frequent studies and research to know and understand how communication occurs in the contexts of diversity for the deaf person. For a long time, the deafness was seen only from the medical-therapeutic angle. In the opposite direction, new assumptions have been conceived to understand deafness as a cultural difference rather than as a clinical pathology. Currently we should think of deafness with socio-anthropological prerogatives, and cross-disciplinary and cross-cutting vision. Therefore, we must consider the psychosocial and cultural scenario where the deaf develop, because they form a distinct group



of people, are a socio-cultural-linguistic people. We therefore aim, through this study, to demonstrate how the social cultural dimensions that involve the use of Assistive Technologies for the diffusion of the Brazilian Sign Language - LIBRAS contribute to the accessibility of the deaf in the educational, family and social environment. These actions are outlined by aspects of teaching planning, in what concerns didactics. The theoretical contributions were: Libâneo, Mazzota (2011), Sá and Ranauro (1999), Skliar (1998). We use as methodology the bibliographic research and the participant research. Therefore, we support the principles of Bilingual Education in carrying out practical activities to involve community participants and the academic context. The main results refer to socio-educational practices for the accessibility of the deaf person, in order to promote a link of articulation of new knowledge with a view to disseminating the knowledge of deaf culture and LIBRAS in different contexts.

**KEYWORDS:** Bilingual Education, LIBRAS, Assistive Technology.

## 1 | INTRODUÇÃO

Durante meu processo de formação do ensino superior buscava articular a temática sobre surdez e bilinguismo, aos mais diversos conteúdos propostos nas disciplinas cursadas nesse período que convergiu devido ao fato ter uma filha Surda, impulsionando-me a tomar atitudes, das mais diversas naturezas, em busca da garantia de direitos, enquanto ponderava os entraves do cumprimento das leis, ou seja, do passar do planejado e promulgado ao realizado.

É facilmente observável que a LIBRAS não está na sala de aula, nem a inclusão do surdo na sociedade. Assim os surdos continuam como estrangeiros em seu próprio país. A temática transversal demandada pela tríade comunicacional: espaço-visuomotor da cultura surda, impulsionava novos subtemas: os direitos civis das pessoas com deficiência, a aquisição do Surdo a Libras desde a mais tenra idade, o letramento Surdo tendo a Libras como L1, a escola bilíngue, o ensino da Libras à sociedade com *status* igual ao dado as outras línguas estrangeiras, dentre outros.

Vários autores revelam que recusar a acessibilidade da comunidade surda a LIBRAS origina perdas significativas nos aspectos cognitivos, sócio afetivos, linguísticos, cívil, culturais e no ensino- aprendizagem dos surdos. Dessa forma, surge a necessidade de promover momentos de estudos para ampliar as possibilidades de comunicação dos indivíduos, com vistas à difusão do conhecimento da LIBRAS e cumprimento das leis de relacionadas a inclusão dos surdos nos locais comuns.

Sendo assim, a oficina “Mãos que falam Libras”, que propomos, desenvolve atividades lúdicas com aparatos bilíngue, desde 2015, envolvendo crianças, adolescentes, pais, professores universitários, estudantes de graduação, assistentes sociais, voluntários e pessoas da comunidade do entorno da UNEB, no departamento de Educação Campus I na cidade de Salvador, através do Grupo TPEMSE – Tecnologia, Inovação Pedagógica e Mobilização Social pela Educação, dentro do

Projeto UNEB Parque.

De maneira especial, pudemos desempenhar nossa oficina, em 2018 no Fórum Social Mundial e no oitavo Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária, atividade do grupo SSEETU – Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo. Em 2017 foi realizado um Workshop em Libras para estudantes de graduação, pós-graduação, líderes e membros de grupo de pesquisa interessados pela temática. E ainda, numa Associação de Funcionários Públicos da Cidade de São Sebastião do Passé-BA, o qual foi avaliado como um momento de aprendizagem, e aquisição de novos conhecimentos de forma positiva e produtiva.

Usamos instrumentos lúdicos como base importante nas nossas ações, pois possibilita o desenvolvimento pessoal, além de ser uma forma de expressão e comunicação consigo, com o outro e com o meio. Acreditamos que os brinquedos e jogos educativos, literaturas, artes cênicas e visuais em Libras, com temáticas da cultura Surda, potencializa a dinâmica no aprendizado dos presentes, por tornar a aquisição do que está sendo mediado, mais leve, mais divertido, mais interessante.

Tais ações, demonstraram o quanto a comunicação e as práticas educativas poderiam ser um diferencial na realidade local quanto à inclusão do Surdo. Diante disso, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: **De que maneira as dimensões sociais culturais que envolvem o uso de Tecnologias Assistivas para a difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, contribuem para a acessibilidade do surdo no ambiente educacional, familiar e social?**

## 2 | OBJETIVO

Demonstrar de que maneira as dimensões sociais e culturais que envolvem o uso de Tecnologias Assistivas para a difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS contribuem para a inclusão do surdo no ambiente educacional, familiar e social.

## 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Propõe-se uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa. Optamos pela pesquisa do tipo participante como método para o desenvolvimento de nosso trabalho, por entendermos a necessidade de implicação dos participantes no processo de pesquisa realizado com vistas à promoção de mudanças quanto à situação problema apresentada. THIOLENT *apud* Silva 1991). Sendo assim, desenvolvemos atividades usando a LIBRAS como a principal Tecnologia Assistiva, corroborada por outros recursos em vista da consolidação da educação bilíngue.

## 4 | TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

### 4.1 Acessibilidade Surda: Historicidade de Lutas

Muitos desconhecem que para que todos os marcos legais acontecessem houve uma grande caminhada de lutas pela ampliação das políticas públicas de inclusão e educação de surdos. No Brasil e em outros países reuniões, aconteceram ao longo dos tempos, conferências, congressos e fóruns para discutir temas importantes como a diversidade no contexto geral e dentre os temas debatidos estava presente a educação de surdos.

Mas, nem sempre os surdos estão presentes nessas discussões e quando acontecem de estarem, suas colocações respeitadas. Conseqüentemente, seria um percurso com resultados mais positivos de acessibilidade dos surdos e maiores aprofundamentos educacionais, se os que fazem as leis em nosso país tivessem ouvido a comunidade surda que com pesquisas e declarações anunciam em que tipo de educação querem para si.

Visando alcançar o objetivo de ilustrarmos os ideais Surdos conclamado em dois documentos: “A Educação que nós surdos queremos”, (FENÉIS, 1999); e “A educação que nós, surdos, queremos e temos direito”. (CESBA, 2006), ladeado pela celebre frase empoderadora de Ed Roberts, em 1972, quando do início do MVI – Movimento de Vida Independente: “nada sobre nós, sem nós” (SASSAKI, 2011), que apresentamos estas proposições nesse artigo.

Segundo Nídia Sá e Hilma Ranauro (1999, p.35) “Tem sido um longo caminho para que a sociedade de um modo geral reconheça, hoje, os Surdos, com suas individualidades”. Mesmo que o reconhecimento da LIBRAS tenha se configurado em um marco histórico para o desenvolvimento de políticas adequadas de acessibilidade e inclusão dos surdos, reiterando que os pais, professores, alunos, médicos, funcionários públicos, sejam bilíngües, os sujeitos surdos ainda se percebem como estrangeiros em sua própria pátria.

E assim, passados dezesseis anos após a Lei de LIBRAS (Lei n. 10.436/02), treze da sua regulamentação (Decreto n. 5.626/05); onze da instituição do AEE – Atendimento Educacional Especializado (Portaria Normativa nº 13); após a sistematização da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva em 2008; em seguida a Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência que legitima a educação bilíngüe através de uma Emenda Constitucional (Decreto 6.949/2009); e também o PNE – Plano Nacional de Educação, Lei 13.005/2014, que estabelece que a Libras constitua-se como primeira língua (L1), e a língua portuguesa, como segunda (L2), não obstante, a língua portuguesa é imposta nos processos educacionais aos alunos surdos, apesar do ganho trazido pela Lei de Tradutor e Intérprete de LIBRAS (Lei nº. 12.319/2010).

É no viés de Surdos que escolhem a Libras como prática comunicacional, que tratamos este trabalho. Nessa direção, destacamos Skliar (2014) que não trabalha

sob a ótica da deficiência ou das necessidades especiais, sua ênfase se concentra na diferença. Segundo Santana e Bérghamo (2005) conferir a Libras o estatuto de língua não traz apenas repercussões linguísticas e cognitivas, mas, também, repercussões sociais, pois, a partir do momento que se legitima a Língua Brasileira de Sinais como a língua do surdo, acaba por “transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade”. Sendo assim, no que tange a Didática, o planejamento do ensino deve ser bem articulado também para os surdos. Segundo Libâneo (1994, p. 222) o planejamento tem grande relevância por tratar-se de: “Um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Manter o português como primeira língua nos escolas regulares e em outros ambientes gera para o surdo uma antiga tensão, que não é enfrentada, mas que “ecoa nos documentos oficiais e mantém-se como tema de debates e embates entre os que defendem a educação para surdos como um campo específico de conhecimento e aqueles que a consideram como domínio da educação especial”. (LODI, 2013, p.51)

#### **4.2 Escola Bilíngue: Passando do Promulgado para o Realizado**

A Educação Bilíngue está totalmente imbricada com a perspectiva educacional dos estudos sócios antropológicos, psicológicos, políticos, educacionais e linguísticos relacionados com a cultura e identidade da pessoa surda. A abordagem bilíngue não se trata apenas da educação do surdo em ambientes ouvintes, mas, também, de um espaço que atenda as especificidades do educando surdo e propicie o fortalecimento de sua cultura, além de fomentar uma identidade surda independente de suas diferenças e complexidades, oferecendo possibilidades de aproximação entre as culturas surda e ouvinte. Uma escola onde não existem imposições de “normalidades” e nem o ouvintismo.

Nesse sentido, a educação bilíngue significa a criação de espaços prioritários para tornar acessível aos Surdos, a Libras. Segundo os surdos às escolas inclusivas não atendem aos seus direitos e não valorizam a sua cultura. Tais situações colocam o estudante surdo em uma situação de exclusão dentro de um espaço educacional que se diz inclusivo. Portanto, apesar da conquista trazida pela Lei 13.005/2014, ainda há muito que fazer para alcançarmos o ideal de igualdade preconizado pela nossa Carta Magna em relação aos indivíduos surdos, que não se acaba diante da conquista legal, ao contrário, ganha nova roupagem e trabalha baseada por outro viés, de busca por efetivação da proposta bilíngue.

Por isso, idealizamos equidade quanto a acessibilidade da pessoa surda, nos meios acadêmicos, projetos, museus, teatros, cinemas, espaços de lazer e outros espaços socioculturais, por esse modelo certamente agregar valor à tríade comunicacional: espaço-visu-motor, que é a forma comunicacional do surdo com o mundo, sendo que os olhos dos surdos fazem também o papel dos ouvidos.

Dentro desse contexto para normatizar as diferenças são utilizadas estratégias que acabam por dar direito ao aluno ouvinte ter aula em sua língua materna e o aluno surdo, não. Por isso não há inclusão de fato, tendo nas leis, várias lacunas. É paradoxal, mas mesmo dentro da grande diversidade que constitui a nação brasileira ainda temos a cultura surda tentando marcar o seu espaço. Infelizmente o surdo continua tendo que se adaptar às propostas educacionais pensadas para alunos ouvintes. Parece que a educação inclusiva busca apagar as diferenças. O autor Boaventura de Sousa Santos (2003) nos ensina que: “nós temos direito à igualdade, quando a diferença nos inferioriza, da mesma forma como temos direito à diferença, quando a igualdade nos descaracteriza”.

A educação bilíngue de surdos no Brasil está amparada pela Lei e é recomendada pelo Ministério Nacional da Educação (MEC), como sendo uma proposta válida e eficaz para o ensino das duas Línguas reconhecidas pelo país, Língua Portuguesa e LIBRAS, necessárias para a inclusão social efetiva destes sujeitos. O Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, em seu capítulo VI, artigo 22 determina que se se organize, para a inclusão escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes.

Talvez por isso devemos comemorar o mais recente Decreto 9.465, de 2 de janeiro de 2019, que cria uma diretoria dentro do MEC. Por ser, portanto, mais uma lei de amparo a acessibilidade aos surdos a Libras. Já que, segundo o Decreto 9.465 a meta da diretoria seria dentre outras coordenar a implantação da Educação Bilíngue para surdos, enquanto detalha de forma bem específica ações que efetivem o que já instituiu a Lei 10.436/2002. O grande desafio do nosso século não é promulgar apenas novas leis, é cumprir as que já estão em voga. O Art. 35, do Decreto 9.645, diz que compete à Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos:

planejar, orientar e coordenar, em parceria com os sistemas de ensino voltados às pessoas surdas, com deficiência auditiva ou surdo cegueira, e com as instituições representativas desse público, a implementação de políticas de educação bilíngue, que considerem a Língua de Sinais Brasileira (Libras), como primeira língua, e Língua Portuguesa Escrita, como segunda língua; (BRASIL, 2019)

### 4.3 Tecnologia Assistiva do Surdo: Libras

Os avanços tecnológicos têm alavancado as interações de Surdos com Surdos, auxiliado os afazeres dos Surdos no seu dia-a-dia, e facilitado sua inclusão com os ouvintes. Temos como sociedade civil mobilizar os diferentes recursos disponíveis (políticas públicas, tic's, escola, família), para uma a acessibilidade em todas as suas dimensões: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, atitudinal, dos Surdos. A Tecnologia Assistiva, doravante TA, tem contribuído muito para este fenômeno.

O termo *Assistive Technology*, foi criado em 1988, dentro da legislação norte-americana. No Brasil foi traduzido como Tecnologia Assistiva, terminologia nova



utilizada para identificar todo aparato tecnológico de recursos, e ofertas de serviços que ampliam habilidades funcionais de pessoas que tenham algum impedimento físico ou sensorioneural de longo ou curto prazo (Brasil, Portaria nº 142/ 2006).

O Ministério da Educação introduziu o Serviço de Tecnologia Assistiva nas escolas públicas por meio do Programa “Salas de Recursos Multifuncionais” (SRMF). As SRMF são espaços onde o professor especializado realiza o “Atendimento Educacional Especializado” (AEE) para alunos com deficiência, no contraturno escolar. É atribuição do professor do AEE reconhecer as necessidades de recursos pedagógicos e de recursos de Tecnologia Assistiva que serão necessários à participação de seu aluno nos desafios de aprendizagem que acontecem no dia a dia da escola comum.

A primeira análise centrou-se na legislação vigente no Brasil que abarca as tecnologias assistivas, e destacamos a mais recente em nosso país: o Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei Brasileira de Inclusão Nº 13.146, de 06 de julho de 2015 na qual consiste em capítulos, artigos e parágrafos específicos sobre TA e orientações acerca das aplicações das mesmas dentro de pontos da lei onde o assunto central não era referente às tecnologias assistivas. Os serviços de TA são normalmente transdisciplinares envolvendo profissionais de diversas áreas, tais como: Fisioterapia, Terapia ocupacional, Fonoaudiologia, Educação, Psicologia, Medicina, Engenharia, Arquitetura, Design e etc. Há diversos modos de se referir a TA, como “Ajudas Técnicas”, “Tecnologia de Apoio”, “Tecnologia Adaptativa” e “Adaptações”.

A tecnologia Assistiva do Surdo é a LIBRAS. Por isso, ao analisarmos o conceito de Tecnologia Assistiva para surdos é importante, inicialmente, revermos os conceitos de surdez. Pois, historicamente, durante o processo de reabilitação dos surdos propostos por uma ideologia ouvintista, surgiram dentre outras coisas os aparelhos auditivos e coclear, que hoje, por conta do empoderamento surdo de sua língua e cultura, tais aparelhos são por alguns surdos, execrados.

Para tanto, defendemos a utilização da Libras enquanto ferramenta de T.A. para surdos (e ouvintes), sem, no entanto, se assenhorar de algumas propostas de utilização dos recursos tecnológicos como articuladores, facilitadores e mediadores de funções auditivas dos surdos, por reconhecer que a utilização da tecnologia vem tornando a vida dos surdos cada dia mais fácil. No entanto, não podemos jamais esquecer que os surdos, são pessoas com uma diferença linguística e cultura própria, que devem ser consideradas em detrimento a qualquer proposta de trabalho realizada, incluindo-se aí, toda iniciativa de produção de T.A.

Desse modo, reafirmamos que por falta de acessibilidade a LIBRAS, dos surdos e dos ouvintes, os Surdos têm dificuldade de acesso aos meios de comunicação, empregos, bens sociais, bens culturais e serviços públicos. Por isso inicialmente as metodologias, estratégias e práticas de TA para Surdos, são adaptações proficuas no meio em que os surdos estão inseridos, através da escrita, de recursos visuais e outros.

Nesse sentido, a difusão da LIBRAS para a sociedade, formação de professores

surdos e ouvintes de Libras, capacitação de tradutores e intérpretes de Libras, e outras ações correlatas, contribuem para os impactos ocorridos por conta da diferença linguística, sejam minimizados. Nesse afã de adequação e integração em meio às diferenças, escrevemos este artigo, contextualizando as novas tic's e pesquisas das engenharias tecnológica, de produção e de telecomunicação, como modelo propositor de equidade social e ponte de integração entre surdos e ouvinte.

Recursos como o ProDeaf e Handtalk,, que foi eleito o melhor aplicativo de inclusão social do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU); o Closed caption ou legenda oculta. SKYPE, WatsApp, Chats, vídeo chamada e outros, permitida através do uso do telefone com tecnologia 3G ou 4G ou de um micro computador, tem se tornado imprescindíveis. Livros bilíngues, acessíveis através da inserção de vídeos com tradução do conteúdo para LIBRAS. E ainda jogos e brinquedos: abecedários, numerários, dominó, trilha bilíngues, cartelas de bingo em Libras e vários tipos de exercícios.

## 5 | RESULTADOS ESPERADOS

É imprescindível investir na difusão do conhecimento e promover estudos e atividades práticas como oficinas pedagógicas embasados nas teorias que sustentam a educação bilíngue, a cultura surda e políticas de acessibilidade linguísticas. Os principais resultados apontam para a necessidade de se investir na docência e também ampliar para a comunidade, assim como o envolvimento dos familiares para comunicar-se com as mãos. Assim, por se tratar de uma Língua, é necessário estudos frequentes e contato com a comunidade surda para ampliar os saberes e os conhecimentos.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência possibilitou um novo olhar no que tange a diversidade e sobre a importância de que para além de cumprir leis e diretrizes, romper com os estigmas de uma sociedade excludente, a partir do envolvimento da comunidade como um todo, desejamos que a educação se torne efetivamente um direito de todos e não apenas discurso, pois a sociedade é diversa e plural e nós somos seres em construção.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras

providências.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

\_\_\_\_\_, Portaria nº 142, de 16 de novembro de 2006, ATA VII - Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) - Secretaria Especial dos Direitos Humanos - Presidência da República).

\_\_\_\_\_. MEC/SEESP. Portaria Normativa nº13, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a criação do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. Brasília. Diário Oficial de 26 de abril de 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_, Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº. 12.319 de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Lei 13.005 de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação - PNE.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. São Paulo. Editora Cortez. 1994.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a04.pdf>> Acesso em: 11/06/2015

SÁ, Nídia Limeira de; RINAURO, Hilma. **Considerando as pessoas com deficiência**. Manaus: Semente de Vida, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 56.

SILVA, M. O. S. Refletindo a pesquisa participante. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 1991.

SKILIAR, Carlos. **O Ensinar Enquanto Travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: Edufba, 2014

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Kelly Cristina Campones** - Mestre em Educação ( 2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-481-8

